

UM WEBINÁRIO SOBRE A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR AO AR LIVRE PARA O DESENVOLVIMENTO DAS FUNÇÕES EXECUTIVAS EM CRIANÇAS DE 3 A 6 ANOS

A WEBINAR ON THE IMPORTANCE OF OUTDOOR PLAYING FOR THE DEVELOPMENT OF EXECUTIVE FUNCTIONS IN CHILDREN AGED 3 TO 6

Caroline Magalhães de Paulo
Instituto Federal Rio de Janeiro -IFRJ
caroline.paulo@rioeduca.net

Mônica Maria S. de Oliveira
FIOCRUZ e Instituto Federal Rio de Janeiro -IFRJ
monicaol@yahoo.com.br

Resumo

O brincar ao ar livre permite que a criança tenha interações e o contato com o outro, criando-se oportunidades para potencializar as funções executivas. Esta pesquisa tem o objetivo geral de desenvolver um produto educacional (webinário) para os profissionais de educação infantil do Espaço de Desenvolvimento Infantil Professora Maria Luiza Jobim de Queiroz sobre a importância do brincar ao ar livre para o desenvolvimento das funções executivas de crianças de 3 a 6 anos. O desenvolvimento das funções executivas, memória de trabalho, controle inibitório, flexibilidade cognitiva, planejamento, criatividade podem ser potencializadas, pelo brincar com e na natureza, tendo a escola como pilar para que essa experiência ocorra. O webinário contribuirá para que os professores dessa unidade de ensino estejam mais equipados para promoverem práticas pedagógicas com brincadeiras livres nos ambientes naturais, capazes de desenvolver a autonomia e as habilidades cognitivas-emocionais das crianças através do brincar ao ar livre.

Palavras-chave: Funções executivas; educação infantil; brincar ao ar livre.

Abstract

Playing outdoors allows children to have interactions and contact with others, creating opportunities to enhance executive functions. This research has the general objective of developing an educational product (webinar) for early childhood education professionals at Espaço de Desenvolvimento Infantil Professora Maria Luiza Jobim de Queiroz about the importance of playing outdoors for the development of executive functions in children aged 3 to 6 years. The development of executive functions, working memory, inhibitory control, cognitive flexibility, planning, creativity can be enhanced by playing with and in nature, with school as the pillar for this experience to occur. The webinar will help teachers at this teaching unit to be better equipped to promote pedagogical practices with free play in natural environments, capable of developing children's autonomy and cognitive-emotional skills through outdoor play.

Key words: Executive Functions; Early Childhood Education; Outdoor Play.

Introdução

A pandemia do coronavírus tratou-se de uma infecção respiratória causada pelo vírus SARS-Cov-2, de acordo com o Ministério da Saúde o período de emergência durou de 11 de março de 2020 até 5 de maio de 2023, a doença foi denominada de COVID-19 (Brasil, 2022).

Essa pandemia da COVID-19, trouxe a necessidade do isolamento social, uma orientação da Organização Mundial de Saúde, para que houvesse uma contenção na propagação do vírus. Com isso a população de forma repentina fez mudanças na sua rotina, e para as crianças essas mudanças tiveram impactos ainda mais severos, principalmente por conta do isolamento compulsório entre quatro paredes, o excessivo uso de telas digitais, e dos fechamentos das escolas, ambiente onde deixaram de ter suas interações com seus pares e o impedimento de estarem brincando ao ar livre.

As evidências científicas demonstram que no contexto pandêmico, o fechamento das escolas, como medida de segurança para evitar o contato físico, levou ao isolamento da população nas suas residências diminuiu a atividade física dos indivíduos, a interação social, o brincar ao ar livre, favoreceu o aumento do tempo de tela, levou a padrões de sono irregulares e dietas menos adequadas em crianças e adolescentes (Wang *et al.*, 2020). Uma revisão da literatura, realizada em 2020, por pesquisadoras da Universidade Federal Fluminense, apontou que pandemias impactam negativamente no desenvolvimento cognitivo-emocional de crianças e adolescentes, mas esse estudo também ressalta que os contatos com a Natureza e o brincar ao ar livre oferecem estímulos naturais capazes de fortalecer a imunidade, contribuir com a concentração, promover sensação de relaxamento e regulação emocional, restaurando a saúde e promovendo um desenvolvimento integral saudável a esse público (Figueiredo *et al.*, 2020).

Este trabalho objetiva desenvolver um produto educacional (webinário) para os profissionais de educação infantil do Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) Professora Maria Luiza Jobim de Queiroz da rede municipal de ensino da prefeitura do Rio de Janeiro, localizada em Sepetiba-RJ sobre a importância do brincar ao ar livre para o desenvolvimento das funções executivas de crianças de três a seis anos, para equipar os profissionais de educação infantil levando-os a refletir sobre as práticas pedagógicas sob o olhar das contribuições do brincar ao ar livre para o desenvolvimento cognitivo-emocional, e da importância dessas habilidades nas demais etapas da vida.

Neurociência e Educação

Guerra e Amaral (2022) destacam 12 princípios da neurociência que fundamentam práticas que potencializam a aprendizagem, que estão relacionados as condições gerais de saúde do aprendiz e a fatores fisiológicos que afetam essa aprendizagem, entre eles está a importância da alimentação adequada, este princípio está associado as podas de sinapses¹ e a consolidação da memória; o sono, que está relacionado à neuroplasticidade² e a atividade física, que está ligada as funções executivas – memória de trabalho, controle inibitório, flexibilidade cognitiva, planejamento, criatividade.

Um bom funcionamento executivo contribui para o pensar antes de qualquer tomada de decisão, a respeito dos novos desafios e imprevistos que aparecem, e colabora para manter o foco e resistir a tentações, permitindo a capacidade de uma reflexão intencional sobre o objetivo que deseja ser alcançado (Diamond, 2013). Cosenza e Guerra (2011) afirmam que por meio dessas funções executivas podemos organizar nosso pensamento através daquilo que já temos armazenados em nossa memória.

Segundo Tiriba (2018) o brincar ao ar livre favorece a articulação exclusiva entre pares, num lento exercício de encontro e contato com o outro, levando a oportunidades para o desenvolvimento de atitudes de empatia, escuta, colaboração e resolução de conflitos. A escola é um espaço social frequentado diariamente, logo, é um lugar privilegiado para a implementação de práticas educativas (Tiriba, 2018), e a educação infantil é a primeira etapa da educação básica que atende as crianças no período da vida compreendido do nascimento até os seis anos de idade, chamado de primeira infância, que constitui um período sensível para o desenvolvimento de diversas habilidades, como construir reflexões próprias e ter autonomia (NCPI, 2016).

¹ Quando um neurônio é frequentemente ativado por determinados estímulos, ele passa a produzir, durante os períodos de sono, proteínas e outras substâncias que são utilizadas na reestruturação de sinapses ou na formação de novas sinapses, processo denominado sinaptogênese. Se o neurônio deixa de ser ativado, essas sinapses são desfeitas, o que é chamado poda sináptica (Amaral e Guerra, 2022).

² Neuroplasticidade é a habilidade do Sistema Nervoso de estabelecer e desfazer ligações entre os neurônios, baseando-se nas interações entre os aspectos internos (genética, cérebro e aparato neurobiológico) e externos (meio, família, ambiente escolar, cultura e sociedade em geral) da criança (Cosenza e Guerra, 2011).

Desenvolvimento infantil

Na primeira infância há elevada plasticidade cerebral, o que significa uma maior capacidade de transformação do cérebro devido aos estímulos e experiências vivenciados (NCPI,2016). A experiência nessa fase da vida pode ser determinante para a correta formação de redes neurais complexas que possibilitam a compreensão do mundo que nos cerca (Serfaty, 2021).Pesquisadores como Diamond e Ling (2020), Cosenza e Guerra (2016), Lent (2010), mostram a importância dos ambientes externos para o desenvolvimento das funções executivas desde a primeira infância.

Segundo Cosenza e Guerra (2011) o processamento das funções executivas ocorre na porção mais anterior do córtex frontal, a região pré-frontal região que está atrelada as funções executivas e atuam como uma ligação da interação do ambiente com o indivíduo. Na primeira infância, os circuitos dessa região pré-frontal são modificados, esculpidos, consolidados em função das experiências da criança, aquelas que envolvem interações sociais (NCPI,2016).

No ambiente familiar e na escola as mudanças de comportamento na infância geram curiosidades nas crianças. Segundo Oliveira e Lent (2017) o desenvolvimento está ligado a interação de fatores biológicos e ambientais em diferentes níveis de análise - cultural, social, cognitivo, emocional, neural, molecular.

Para Bee e Boyd (2011 *apud* Crespi, Noro e Nobile,2020) o neurodesenvolvimento tem início ainda no período gestacional, sendo durante os primeiros anos de vida se estabelece a arquitetura cerebral que servirá de base para as todas as etapas posteriores da vida.

No período pós-natal, é a etapa do desenvolvimento que inicia a interação com o ambiente externo, o bebê começa a ter contato com sons, luzes, imagens, toques, estímulos térmicos agradáveis e desagradáveis (Oliveira; Lent, 2018, p. 27).

Segundo Miranda *et al.* (2016, p.11) “O processo de desenvolvimento humano é contínuo e a capacidade maturacional (de amadurecer) é individual. Mas, a despeito das particularidades de cada indivíduo, podemos estabelecer alguns marcos gerais, (e comuns a todas as pessoas) importantes neste processo”. Como podemos observar na figura 1.

e a formação de memória, uma vez que as informações adquiridas através das vivências conseguem ser lembradas (Lent, 2019).

No decorrer da Primeira Infância observa-se o progressivo amadurecimento de diferentes regiões cerebrais, fator que permite a aquisição e a construção de novas habilidades cada vez mais especializadas. (Bee e Boyd (2011). Uma dessas regiões pertencem ao lobo frontal que tem como responsabilidade o desenvolvimento das funções motoras, tendo a parte pré-frontal como uma das mais importantes por ocupar a maior parte do cérebro humano em relação as outras espécies (Fiori , 2008 *apud* Crespi e Nóbile, 2020).

O desenvolvimento ocorre ao longo da vida, e em alguns períodos percebe-se a facilidade em aprender novas habilidades, esses períodos são chamados de janelas de oportunidade ou períodos sensíveis. Lent (2019, p 77) descreve esses momentos como períodos críticos, e os definem como “intervalos em que os mecanismos de plasticidade cerebral estão especificamente ativos e mais suscetíveis a receber a estimulação adequada proveniente do ambiente”.

Segundo Vigotski (1996 *apud* Corrêa,2017) nos períodos críticos, em tempo relativamente curto, acontecem mudanças bruscas e fundamentais na personalidade do ser humano, desembocando uma reestruturação das necessidades e motivos da criança e de sua relação com o meio.

Funções executivas

As funções executivas de acordo com Diamond (2013, p.136) “são habilidades essenciais para a saúde mental e física; sucesso na escola e na vida; e desenvolvimento cognitivo, social e psicológico”. Estas também são chamadas de controle executivo ou cognitivos e são necessárias para agir, se concentrar e controlar os impulsos.

Segundo o Núcleo Ciência Pela Infância (2016) as funções executivas constituem um conjunto de habilidades que uma reflexão atenta, é intencionada a alcançar um objetivo. De acordo com Huizinga *et al.* (2006 *apud* Leon ,2015) as funções executivas vão amadurecendo de acordo com desenvolvimento emocional e cognitivo da criança.

As funções executivas, nos permitem concretizar as atividades da vida diária, “seja planejando as férias, controlando a raiva ou realizando várias tarefas ao mesmo tempo. Elas se desenvolvem intensamente durante a infância, e são um indicador do desempenho futuro na escola”(Munakata, *et al.* 2013).

Para Cosenza e Guerra (2011, p. 91 e 92) as funções executivas parecem se aprimorar de acordo com o desenvolvimento infantil, em períodos críticos que ocorrem entre o nascimento até os dois anos e dos sete anos até nove anos, uma vez que ao nascer as crianças reagem de forma imediata aos estímulos, já no primeiro ano de vida conseguem ignorá-los e aos três anos tem capacidade de planejamento e de flexibilização de estratégias que estará bem definida até os sete anos.

Conforme mencionado, o processamento das funções executivas ocorre no córtex pré-frontal e faz interconexões com outras áreas do cérebro, como o sistema límbico que relacionado às emoções. Na primeira infância, os circuitos das regiões pré-frontais são modificados, esculpidos, consolidados em função das experiências da criança, aquelas que envolvem interações sociais (NCPI, 2016).

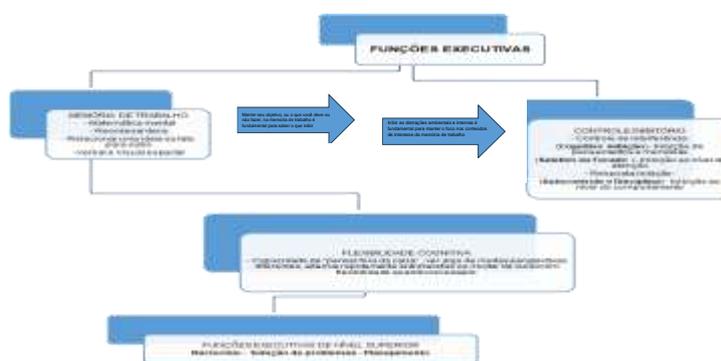
Para Munakata *et al.* (2013, p. 3)

Com o progressivo amadurecimento do córtex pré-frontal e das funções executivas, é possível observar mudanças no comportamento infantil, já que as habilidades se tornam autogeridas, “de forma que as crianças dependem cada vez menos de outras pessoas, e passam de controle reativo, onde as crianças se ajustam aos eventos conforme ocorrem, a controle proativo”, no qual as crianças podem prever e se preparar para eventos futuros.

Um bom funcionamento executivo permite ao indivíduo refletir antes de agir, trabalhar diferentes ideias mentalmente, solucionar desafios inesperados, pensar sob diferentes ângulos, reconsiderar opiniões e evitar distrações (NCPI, 2016). Assim, essas habilidades são fundamentais para tomar decisões, viver e pensar com autonomia.

A figura 2 demonstra as funções executivas primárias, memória de trabalho e o controle inibitório que juntas originam a flexibilidade cognitiva.

Figura 2 – Funções executivas e suas relações (adaptado Diamond, 2013 p. 152)



O controle inibitório segundo Diamond (2013) é uma das principais funções executivas, pois é capaz de controlar o comportamento, as emoções, os pensamentos e a própria atenção. Ter um controle inibitório bem desenvolvido ajuda a melhorar as escolhas diante dos estímulos recebidos no ambiente, fazendo com que o ser humano seja menos impulsivo.

Segundo a referida autora, a partir do controle inibitório encontramos o controle da atenção, sendo ela de forma exógena ou endógena. Tal controle da atenção contribui para que a atenção possa ser selecionada, direcionada e inibida de acordo com estímulos do ambiente. Nesse caso atenção endógena é aquela em que o indivíduo tem controle, objetivo e intenção de que aconteça, e exógena se dá de forma involuntária de acordo com as mudanças do ambiente.

A inibição cognitiva é um outro aspecto do controle de interferência, está relacionado com a capacidade de extinguir representações mentais dominadoras, ou seja, é capacidade de inibir memórias indesejadas e pensamentos estranhos (Anderson; Levy, 2009 *apud* Diamond, 2013).

Uma forma de controle inibitório é o autocontrole que tem o objetivo de envolver “o controle sobre o próprio comportamento e controle sobre as próprias emoções no serviço de controlar o próprio comportamento. Autocontrole é resistir às tentações e não agir impulsivamente” (Diamond, 2013, p.138).

A referida autora diz que

“Sem o controle inibitório estaríamos à mercê de impulsos, velhos hábitos de pensamento ou ação (respostas condicionadas) e/ou estímulos do ambiente que nos puxam para um lado ou para o outro. Assim, o controle inibitório nos permite mudar e escolher como reagimos e como nos comportamos, em vez de sermos criaturas impensadas de hábitos”

O controle inibitório mostra o quanto é importante estar sob controle do que pensar, de como agir, do que falar. Controlar todos esses fatores pode ser primordial para manter saudável as relações sociais e a si, pois interferem no dia de uma rotina, seja no ambiente familiar, no trabalho, na conclusão e organização de tarefas, pois são aspectos que não podem ser evitados ao longo da vida, em algum momento o indivíduo vai se deparar com situações em que o estímulo do ambiente vai interferir nas suas ações e é importante estar preparado para agir da melhor maneira.

Segundo Diamond (2013, p.137) o controle inibitório dá suporte à memória de trabalho, pois “para relacionar várias ideias ou fatos, você deve ser capaz de resistir ao foco exclusivo em apenas uma coisa e, para recombina ideias e fatos de maneiras novas e criativas, você precisa ser capaz de resistir à repetição de velhos padrões de pensamento”.

A memória de trabalho tem o objetivo de fazer com que o indivíduo consiga trabalhar informações na sua mente que não estão mais presentes (Baddeley & Hitch 1994, Smith & Jonides 1999 *apud* Diamond, 2013). Para Bear, Connors e Paradiso (2008), a memória de trabalho está ligada ao funcionamento de diversas estruturas presentes no córtex pré-frontal e representa informações mantidas na mente para alguma necessidade imediata.

Segundo Diamond (2013, p.143) a memória de trabalho “é fundamental para nossa capacidade de ver conexões entre coisas aparentemente não relacionadas e separar elementos de um todo integrado e, portanto, para a criatividade porque a criatividade envolve desmontar e recombina elementos de novas maneiras”.

O controle inibitório é suportado pela memória de trabalho, pois ao concentrar-se nas informações que se tem em mente, elas guiarão o comportamento do indivíduo fazendo com que a probabilidade de se emitir uma resposta impulsiva diminua.

A flexibilidade cognitiva se origina da ligação da memória de trabalho e do controle inibitório e aparece mais tarde no desenvolvimento. Uma característica desta função executiva “é ser capaz de mudar as perspectivas espacialmente (por exemplo, “Como isso pareceria se eu o visse de uma direção diferente?”) ou interpessoal (por exemplo, “Deixe-me ver se consigo ver isso do seu ponto de vista de vista” (Diamond, 2013, p.149).

Segundo a referida autora, encontrar nova solução para algo que não está dando certo é um aspecto de flexibilidade cognitiva, pois nesse processo o indivíduo precisa pausar o que está sendo feito (controle inibitório) e dar início a uma nova possibilidade (memória de trabalho).

Segundo Diamond (2013) a flexibilidade cognitiva

“é a habilidade que permite que o indivíduo possa se adequar rapidamente às mudanças no ambiente e em atividades, sem que ocorram grandes desestruturas em seu comportamento. Nos conflitos sociais, a flexibilidade cognitiva também se destaca por permitir que o indivíduo busque diferentes alternativas para a resolução de um conflito”.

O controle inibitório está ligado ao autocontrole, a memória de trabalho está ligada a trabalhar com as informações em mente sem externá-las, e a flexibilidade cognitiva está ligada a capacidade de mudanças de configurações ou tarefas.

Segundo Diamond (2019) os esforços para melhorar as funções executivas (FEs) servem para ajudar a melhorar o desempenho acadêmico, a produtividade, aumentar a probabilidade de escolhas saudáveis e qualidade de vida e prevenir, retardar ou reverter o declínio cognitivo durante o envelhecimento. Ser capaz de melhorar as funções executivas quando criança contribui para o retorno positivo ou negativo que ela terá ao longo da vida.

Estar ao ar livre e em contato com a natureza contribui para melhoras as funções executivas, ajuda a restaurar a atenção, capacidade de concentração e foco, pois quando se está em um ambiente natural exige-se menos esforço para se concentrar, há menos distrações e sua propriedade estética reduz o estresse e evoca emoções positivas (Diamond; Ling, 2020,p.500).

Brincar ao ar livre

A criança e a natureza estão cada vez mais distantes, principalmente no contexto urbano trazendo consequências como obesidade, desequilíbrio emocional, falta de equilíbrio entre outros problemas de saúde (Tiriba, 2018).

A escola é um espaço social frequentado diariamente, logo, é um ambiente favorecido para a implementação de práticas educativas. A arquitetura do espaço escolar reflete muito a concepção de conhecimento, de aprendizagem e de sociedade que embasa o projeto político-pedagógico de cada instituição e considera a sala de aula como um lugar privilegiado para a aprendizagem e construção do conhecimento (Tiriba, 2018).

Considerando que os aspectos da educação infantil sendo as brincadeiras e interações eixos do desenvolvimento, os espaços externos da escola precisam ser utilizados, principalmente os que possuem áreas verdes. Segundo Piorski (2016) a materialidade do brincar está nos materiais provenientes da natureza, pois tem o poder de desmoldurar a imaginação e permite que a criança crie com liberdade a sua experiência.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, através das interações e brincadeiras é possível observar expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (Brasil, 2017).

O acesso das crianças aos espaços mais verdes aumenta a possibilidade de atividade física por meio das brincadeiras envolvendo diversos interesses e habilidades (Tiriba,2018). A criança precisa ter liberdade criativa para que possa recriar o que estava guardado em sua imaginação e na sua própria cultura (Piorski, 2016).

Louv (2018, p.70) diz que o tempo para brincar ao ar livre é componente essencial para o desenvolvimento infantil saudável. Estudos descrevem evidências sobre o tempo que se passa ao ar livre, de acordo com o autor, na Noruega e Suécia pesquisas com crianças na idade pré-escolar evidenciou que, crianças que brincaram em áreas naturais em comparação as outras que brincaram no playground comum tiveram resultados melhores em testes de coordenação motora.

Segundo (Consenza,Guerra,2011;Diamond,2020,2012 *apud* Oliveira,2021).”É através do brincar que as crianças exercitam o controle de impulsos, postergam recompensas ao aguardar a sua vez no brinquedo ou na atividade. São posturas que exercitam as funções executivas e resultam na elaboração do raciocínio lógico e na organização do pensamento”

A BNCC diz que conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se são direitos de aprendizagem e desenvolvimento que garantem que as crianças possam vivenciar desafios e criar alternativas para resolvê-los, construindo significado sobre si, os outros e o mundo social e natural que vivem (Brasil, 2017).

Ao buscar a aproximação do ser humano com os ambientes naturais, busca-se inverter a direção do caminho da doença para seguir uma suposta nova rota (Brazilio e Schaefer, 2021). No campo de experiência da BNCC espaços, tempos, quantidades, relações e transformações, evidencia a importância das crianças fazerem observações, manipularem objetos, investigarem e explorarem e buscarem repostas para as curiosidades do seu mundo físico e sociocultural, experienciando nas vivências com e na natureza e nas relações com as pessoas que conhece.

Ao brincar a criança está desenvolvendo habilidades e promovendo aprendizagem, tais habilidades estão ligadas ao funcionamento e desenvolvimento das funções executivas. É possível notar a importância do brincar principalmente ao ar livre quando Moyles (2002, p. 36 *apud* Crespi; Noro e Nóbile, 2020) afirma que o brincar traz oportunidades, entre elas estão:

[...] praticar, escolher, perseverar, imitar, imaginar, dominar, adquirir competência e confiança; de adquirir novos conhecimentos, habilidades, pensamentos, entendimentos coerentes e lógicos; de criar, observar, experimentar, movimentar-se, cooperar, sentir, pensar, memorizar e lembrar; de comunicar, questionar, interagir com os outros e ser parte de uma experiência social mais ampla em que a flexibilidade, a tolerância e a autodisciplina são vitais; de conhecer e valorizar a si mesmo e as próprias forças, e entender as limitações pessoais e de ser ativo de um ambiente seguro que encoraje e consolide o desenvolvimento de normas e valores sociais.

Um estudo recente relata melhores benefícios psicológicos e de saúde da atividade física feita ao ar livre na natureza do que das mesmas atividades físicas feitas dentro de casa (Diamond, 2019). A Sociedade Brasileira de Pediatria recomenda que “as crianças e adolescentes devem ter acesso diário, no mínimo por uma hora, a oportunidades de brincar, aprender e conviver com a-e-na natureza para que possam se desenvolver com plena saúde física, mental, emocional e social” (SBP, 2019, p. 6 *apud* Oliveira, 2021).

Uma pesquisa realizada em 2018 onde famílias participaram do evento, No Quintal da Nossa Casa³, evidenciou que houve mudanças no comportamento das crianças após os encontros que possibilitaram o contato com a natureza. O resultado das mudanças foram: “criatividade/imaginação” e “capacidade de observação/habilidade atencional” (82%), “habilidade motora” e “ sensorial - tátil, temperatura, visual, auditivo, olfativo e gustativo” (73%), “modulação da agressividade” e “empatia” (36%) Oliveira (2021).

Um outro estudo incentivou pediatras nos EUA a prescreverem o brincar no parque e associações de médicos indicarem aos pais mapas de áreas verdes, pois ficou comprovada a melhora significativa nos distúrbios da atenção entre crianças de cinco anos após caminhadas em parque (Louv, 2016 *apud* Oliveira e Velasques, 2020).

A natureza pode funcionar tanto como recurso quanto como cenário das brincadeiras, oferecendo descanso e/ou lazer às crianças ao passo que promove, naturalmente, conexões sadias de afeto por meio do sentimento de pertencimento (Brazilio e Schaefer, 2021).

³ “Encontros e Festivais Natureza em Família”, realizados nos finais de semana, na cidade do Rio de Janeiro - eventos gratuitos que acontecem, na maioria das vezes, na Floresta da Tijuca, área do Parque Nacional da Floresta da Tijuca, no Alto da Boa Vista, que possui infraestrutura e segurança para os visitantes Oliveira (2021).

Formação Continuada de Educadores: Webinário

Pensar que estamos em constante mudança nos faz refletir na importância da formação dos professores, principalmente na educação infantil, que de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB / no. - 1996 é a primeira etapa da educação básica e atende crianças de zero a cinco anos e 11 meses. E segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a pré-escola era considerada uma etapa preparatória para acesso ao ensino fundamental (Brasil, 2010). Sendo uma etapa que foi considerada preparatória para acesso ao ensino fundamental, precisa-se refletir sobre a importância da formação docente para essa transição, levando em consideração as necessidades das crianças de zero a cinco anos e onze 11 meses.

Para nortear as práticas pedagógicas com o objetivo de assegurar o direito de aprendizagem e desenvolvimento nas etapas da educação básica, buscando ampliar experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens promovendo a socialização, a autonomia e a comunicação criaram-se a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que está em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE).

A BNCC está estruturada em cinco campos de experiências : eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação e espaços, tempos, quantidades, relações e transformações, a fim de acolher as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes (Brasil,2017).

Segundo Barbosa, Silva e Pinto (2021) é importante que os professores estejam empenhados na busca de uma formação contínua e tenham consciência de que nos cursos de formação inicial não aprenderão tudo o que precisam saber para inserir seus alunos em suas práticas significativas para sua formação cidadã.

O cuidar e o educar de acordo com (Tiriba, 2005) é compreendido como um processo único, em que as duas ações estão profundamente imbricadas. Porém, por vezes sugere a ideia de duas dimensões independentes: uma que se refere ao corpo e outra aos processos cognitivos. Além disso Tiriba (2005) afirma que por razões socioculturais, profissionais da educação dicotomizam o cuidar e o educar fazendo com que suas práticas sejam distintas entre profissionais que atuam lado a lado nas escolas de educação infantil, especialmente nas creches: as auxiliares cuidam e as professoras realizam atividades pedagógicas.

De acordo com Teixeira e Mello (2016)

“A educação é uma atividade complexa, portanto, intencional, refletida e planejada, como algo natural, os professores perdem os instrumentos fundamentais que o permitem refletir sobre a sua prática de modo crítico e assim efetuar as transformações possíveis. A adoção consciente de uma teoria por parte dos professores é, portanto, uma necessidade da prática docente”

Segundo Koscheck e Demarco (2021), a formação docente não deve ser considerada um momento único, mas um contínuo movimento articulador, enfatizando o pensar e o fazer. Nessa reflexão constante, Freire (2016, p. 43) menciona que refletindo “criticamente sobre a prática de hoje ou de ontem é que se pode melhorar a próxima prática”.

O professor “é o organizador do meio social educativo, o regulador e controlador de suas interações com o educando” (Vigotski, 1924 p. 76 *apud* dos Santos Teixeira e de Araújo Barca, 2019). Esta definição se dá através da tese central de que a personalidade humana consciente é fruto das relações sociais, tendo a educação escolar com grande importância nesse processo por ser uma relação organizada de forma intencional e sistematizada.

No campo de experiência o eu, o outro e o nós, a BNCC reforça a necessidade das interações dizendo que as crianças precisam entrar em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais, para que possam ampliar o modo com o qual percebem a si e os outros, valorizando sua identidade, respeitando e reconhecendo as diferenças que nos constituem como seres humanos (Brasil, 2017).

Desta forma há de se considerar a presença da responsabilidade político-social na docência, pois esta propicia formar cidadãos críticos/reflexivos e transformadores da sua realidade, por isso é importante a orientação teórica na formação inicial e continuada, por refletir diretamente na atuação do professor.

O webinar pode ser uma importante ferramenta estratégica diante da jornada de 40h semanais dos profissionais que atuam na unidade de ensino EDI Professora Maria Luiza Jobim de Queiroz que por vezes impossibilita uma formação continuada presencial, e o ambiente virtual ser um recurso que permite a flexibilidade de acesso e horário.

Cavaliere *et al.*(2022) diz que:

“à potência dos encontros on-line, geram possibilidades de conversa e experiências educativas, aproximando territórios distantes e como uma oportunidade de inclusão, tema muito necessário e complexo relacionado ao contexto das/os educadoras/es brasileiras/os que vivem nas grandes cidades e/ou trabalham por longas jornadas dentro das instituições”

Uma pesquisa realizada por De Melo *et al.* (2021) investigou a aceitação de webinários como uma política de formação continuada durante e depois da emergência do Coronavírus e considerou que a ferramenta está a cada dia mais presente na realidade de professores. Por conta do baixo custo e seu alto alcance se mostra poderosa na multiplicação dos saberes.

Desenvolvimento do webinário

O Webinário está previsto para ser realizado no ano de 2024. Não sendo necessário um local físico para realização podendo cada participante e convidado acessar o canal de forma remota.

Para realização do webinário será necessário que os profissionais da unidade de ensino e os convidados, tenham acesso à internet, aparelhos eletrônicos (tablet, smartphone, notebook, computador), que estes aparelhos tenham câmera de vídeo e entrada e saída de som.

Para o produto ser desenvolvido foi necessária uma busca teórica a respeito dos assuntos que serão tratados, utilizando artigos científicos através da base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico, priorizando as publicações mais recentes de 2015 a 2022. Os descritores utilizados foram: “funções executivas, brincar ao ar livre, educação infantil”. Em seguida tivemos as seguintes etapas: elaboração de roteiro do webinário, dos especialistas, envio de convite para convidados e participantes por e-mail ou WhatsApp; criação da sala do Webinário através do canal do Youtube e pôr fim a realização do webinário.

No dia da apresentação do evento, Caroline Magalhães, a autora da pesquisa, será a mediadora e terá a função de apresentar os convidados e os assuntos que serão tratados.

Além disso entre os intervalos que se dará da apresentação de um convidado e outro, fará a ponte entre os comentários dos participantes do evento sobre o assunto explanado.

Cada convidado estará livre para escolher os recursos que serão utilizados e não haverá um tempo determinado para exposição de cada assunto. Ao final do webinar será realizada uma roda de conversa em que os participantes poderão fazer perguntas e comentários sobre os assuntos abordados no webinar, com a ajuda do mediador, alguns questionamentos nortearão algumas respostas dos participantes, como o quanto o webinar contribuiu para uma nova prática pedagógica? Quais desafios os participantes acreditam encontrar para se manter em formação? Quais reflexões que eles levarão sobre o brincar ao ar livre e até mesmo preservação desses espaços? . Ainda na roda de conversa será disponibilizado para os participantes um link para avaliação (figura 4), e um link através do recurso Word Cloud , para realização de uma nuvem de palavras que definam ou foram importantes durante a realização do webinar (figura 3).

Figura 3 - Nuvem de palavras sobre o webinar



Figura 4 - Avaliação dos participantes

The figure shows a participant evaluation form with a green background. At the top, there are two small images: one showing a colorful brain and another showing children playing outdoors. Below these are three tables for rating different aspects of the webinar. Each table has five columns for rating levels (e.g., 'Muito ruim', 'Ruim', 'Regular', 'Bom', 'Muito bom') and several rows of evaluation items. At the bottom, there are two open text boxes for additional comments.

Como convidada para contextualizar assuntos relacionados ao desenvolvimento infantil e o brincar ao ar livre e sua relação com as funções executivas convidaremos Mônica Maria Souza de Oliveira, Doutoranda da FIOCRUZ (PPGEBS-IOC/ CAPES 7), pesquisa sobre aprendizagem infantil ao ar livre (Formação Continuada de Profissionais de Educação Infantil

A convidada que tratará do assunto formação de professores será Joice Carvalho Coutinho, professora Doutoranda em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestre em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Considerações finais

A presente pesquisa teve como finalidade desenvolver um webinar que descrevesse a importância do brincar ao ar livre para o desenvolvimento das funções executivas de crianças de três a seis anos para os profissionais do EDI Professora Maria Luiza Jobim de Queiroz.

Durante a pesquisa pôde-se perceber a importância do espaço escolar da educação infantil para a contribuição do desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, por se

tratar de um lugar de trocas e interações. Nele as crianças são estimuladas a perceber como lidar com os estímulos e interferência do ambiente em que estão inseridos.

Geralmente é o professor quem planeja como se dará sua prática pedagógica, nesse caso a pesquisa contribui para que os docentes possam aprimorar suas práticas, buscando melhor desenvolvimento das funções executivas, memória de trabalho, controle inibitório e flexibilidade cognitiva através do brincar ao ar livre. O EDI Professora Maria Luiza Jobim de Queiroz é um ambiente propício para que as práticas pedagógicas aconteçam, pois possui uma ampla área verde contemplado por 14 espécies de árvores.

Sendo assim, o melhor lugar para a criança experienciar suas vivências no espaço escolar é tendo liberdade para o seu corpo se expressar, desta forma a pesquisa destaca que a melhor maneira da criança viver experiências concretas é saindo das paredes da sala de aula e brincando ao ar livre com e na natureza.

Mesmo diante dos desafios que apareceram no decorrer da pesquisa acredito que o objetivo inicial do projeto foi alcançado, pois há intenção de aplicação não só dentro da unidade de ensino mencionada, mas também estender para outras unidades de educação infantil na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro.

Referências

AMARAL, Ana Luiza Neiva; GUERRA, Leonor Bezerra. Neurociência e Educação: olhando para o futuro da aprendizagem. *Brasília: SESI/DN*. Disponível em: <https://static.portaldaindustria.com.br/media/filer_public/24/33/24331119-5631-42c0-b141-9821064c820c/neurociencia_e_educacao_2022.pdf> Acesso em, v. 7, 2022.

BARBOSA, Jane Alves; DA SILVA, Stella Alves Rocha; DE SOUZA PINTO, Filipe. Formação continuada de professores: políticas, contextos e práticas Continuous teacher education: policies, contexts and practices. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 6, p. 55059-55069, 2021.

BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A. *Neurociências: desvendando o sistema nervoso*. Artmed editora, 2017.

BRASIL, MEC. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: Educação*. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>.

BRASIL. *Ministério da Saúde declara fim da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional pela Covid-19*. 22 abr. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/ministerio-da-saude-declara-fim-da-emergencia-em-saude-publica-de-importancia-nacional-pela-covid-19>. Acesso em: 21 nov. 2023.

CAVALIERI, Lúcia; MELLO, Tatiana de Freitas Ordonhes de; TIRIBA, Lea Velocina. Notas de uma metodologia contracolônia teórico-brincante: encontros de educadoras e educadores a 'qual' distância?. *Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade*, v. 31, n. 66, p. 173-190, 2022.

Ciclo Vivo. *Crianças passam menos tempo ao ar livre do que presidiários*. 2016. Disponível em: <https://ciclovivo.com.br/vida-sustentavel/bem-estar/criancas-passam-menos-tempo-ao-ar-livre-doque-presidiarios/> Acesso em: 06 de abr. de 2022.

COSENZA, R. M.; GUERRA, L. B. Como o cérebro aprende: neurociência e Educação. Porto Alegre: Artmed, 2011. Corrêa, C. R. G. L. (2017). A relação entre desenvolvimento humano e aprendizagem: perspectivas teóricas. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21, 379-386.

CRESPI, Livia; NORO, Deisi; NÓBILE, Márcia Finimundi. As potencialidades do brincar para o desenvolvimento das funções executivas na Primeira Infância. [TESTE] *Debates em Educação*, v. 12, n. 28, p. 158-177, 2020.

CRESPI, Livia; NORO, Deisi; NÓBILE, Márcia Finimundi. Neurodesenvolvimento na Primeira Infância: aspectos significativos para o atendimento escolar na Educação Infantil. *Ensino em Re-Vista*, v. 27, n. Especial, p. 1517-1541, 2020.

DE FIGUEIREDO, C. S. *et al.* Santos, AND, & Bomfim, POS (2021). COVID-19 pandemic impact on children and adolescents' mental health: Biological, environmental, and social factors. *Progress in Neuro-Psychopharmacology & Biological Psychiatry*, v. 106, p. 110171.

DE MELO, Alena Sousa *et al.* Webinários como uma alternativa de formação continuada: uma experiência com ferramentas digitais. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 1, p. 11500-11512, 2021.

DE OLIVEIRAA, Mônica Maria Souza; VELASQUESB, Bruna Brandão. Transtorno do Déficit de Natureza na Infância-Uma perspectiva da neurociência aplicada à aprendizagem. *Lat. Am. J. Sci. Educ*, v. 7, p. 22020, 2020.

DIAMOND, Adele. (2013). *Executive functions*. *Annual review of psychology*, 64, 135-168. doi:10.1146/annurev-psych-113011-143750 <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23020641/>

DIAMOND, Adele; LING, Daphne S. (2020). Review of the evidence on, and fundamental questions about, efforts to improve executive functions, including working memory. In J. M. Novick, M. F. Bunting, M. R. Dougherty, & R. W. Engle (Eds.), *Cognitive and working memory training: Perspectives from psychology, neuroscience, and human development* (pp. 143–431). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oso/9780199974467.003.0008>
<https://psycnet.apa.org/record/2019-63579-008>

DOS SANTOS TEIXEIRA, Sônia Regina; DE ARAÚJO BARCA, Ana Paula. O professor na perspectiva de Vigotski: uma concepção para orientar a formação de professores. *Educação, Ciência e Cultura*, v. 24, n. 1, p. 71-84, 2019.

GUERRA, Leonor Bezerra. O diálogo entre a neurociência e a educação: da euforia aos desafios e possibilidades. *Revista Interlocução*, v. 4, n. 4, p. 3-12, 2011.

NCPI. *Funções executivas e desenvolvimento na primeira infância: habilidades necessárias para a autonomia*. 1. ed. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2016.

KOSCHECK, Arcelita; DEMARCO, Juscilene. Ser professor na contemporaneidade: desafios da formação de professores para a docência na educação infantil Being a teacher in contemporary times: challenges of teacher training for teaching in early childhood education. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 10, p. 100942-100953, 2021.

LENT, Roberto. Cem bilhões de neurônios: conceitos fundamentais de neurociência. In: *Cem bilhões de neurônios: conceitos fundamentais de neurociência*. 2004. p. 698-698.

LENT, Roberto. *O cérebro aprendiz: Neuroplasticidade e Educação*. Rio de Janeiro: Atheneu, 2019.

LEÓN, Camila Barbosa Riccardi *et al.* *Funções executivas em crianças de 3 a 6 anos: desenvolvimento e relações com linguagem e comportamento*. 2015.

LOUV, Richard. *A última criança na natureza*. São Paulo: Aquariana, 2016.

MIRANDA, Mônica C. *et al.* Projeto pela primeira infância. *O crescimento e o Desenvolvimento dos 0 aos 5 anos*, 2016.

MUNAKATA, Y., Michaelson L., Barker J., Chevalier N. As Funções Executivas na Infância. Em: Tremblay RE, Boivin M, Peters RDeV, eds. Morton JB, ed. tema. *Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância* [on-line]. <http://www.encyclopedia-crianca.com/funcoes-executivas/segundoespecialistas/funcoes-executivas-na-infancia>. Publicado: janeiro 2013 (inglês).

OLIVEIRA, Adriana Amaral; VELASQUES, Bruna Brandão; DE OLIVEIRA, Mônica Maria Souza. Neurodesenvolvimento infantil em contato com a natureza. *Iguatu*, CE, 2021.

PIORSKI, Gandhi. *Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar*. Editora Peirópolis LTDA, 2016.

TIRIBA, Lea. *Crianças, Natureza e Educação Infantil*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. p. 208-209.

TIRIBA, Lea. *Educar e cuidar ou, simplesmente, educar?* Buscando a teoria para compreender discursos e práticas. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, v. 28, p. 1-17, 2005.

TIRIBA, Léa. Educação infantil como direito e alegria. *Laplage* em revista, v. 3, n. 1, p. 72-86, 2017.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. *El significado historico de i crisis de la psicología: una investigación metodológica*. In: VYGOTSKI, Lev Semionovitch. *Obras Escogidas Tomo I*. Madrid: Visor y Ministerio de Educación y Ciencia, 1991a. P. 259-407.